

Nem cá, nem lá – Para onde a pandemia da COVID-19 pode
levar, já que perto/longe é nenhum lugar? /

*Neither here nor there - Where can COVID-19 pandemic lead,
since near / far is nowhere?*

*Alice Maria Corrêa Medina**

Universidade de Brasília – D.F. – Brasil. Doutorado/Pós-doutorado em Educação (PPGE).

 <https://orcid.org/0000-0001-9647-7951>

Recebido em: 19 mar. 2021. **Aprovado** em: 30 jul. 2021.

Como citar este artigo:

MEDINA, Alice Maria Corrêa. Nem cá, nem lá – Para onde a pandemia da COVID-19 pode levar, já que perto/longe é nenhum lugar? *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 30-41, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8404639>

RESUMO

O artigo aborda a crise relacionada à pandemia da COVID-19, apontando-a como resultante da convergência de várias outras crises, entre as quais a social, ambiental, política e econômica. O texto discute sobre a necessidade de uma reapropriação humana sobre os diferentes modos de vida, indicando como uma necessidade premente a produção de outras formas de conhecimento e compreensão, de acordo com Leff (2004), visando à disseminação, sobretudo, da valorização das formas de vida no planeta. Na proposição desse tipo de “mesa dialógica”, para a produção de sentidos ambientais no contexto das relações entre o ser humano e a natureza, orienta para a observação de aspectos inerentes à constituição do ser humano como, por exemplo, as emoções e as espiritualidades, que operam como promotores e indutores de pensamentos e comportamentos na produção das realidades e dos cotidianos. O artigo, baseado nos estudos de Medina (2021) e de Lavorato (2020), sugere a criação de uma mesa de conversação para a “escuta” dos seres, cujos assentos devem ser garantidos, em nome da manutenção de todas as formas de vida e do próprio planeta. Conclui-se apontando o humano como mediador e tecelão da rede de produção, sustentação e manutenção da vida, ressaltando-se o valor dos saberes da natureza, como os fios de proteína produzidos pelas aranhas, a organização social das formigas e a flor do mandacaru na seca indicando a chegada da chuva ao sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade; Natureza; Crise.

ABSTRACT

The article addresses the crisis, related to the COVID-19 pandemic, pointing to it as a result of the convergence of several other crises, including the social, environmental, political and economic. The text discusses the need for human re-appropriation of different ways of life, indicating as a pressing need the production of other forms of knowledge and understanding, according to Leff (2004), aiming at the dissemination, above all, of the valorization of other forms of life in the planet. In proposing this type of "dialogical table", for the production of environmental

*

 licinhamedina@gmail.com

meanings in the context of the relationships between human beings and nature, it guides towards the observation of aspects inherent to the constitution of the human being, such as emotions and spiritualities that operate as promoters and inducers of thoughts and behaviors in the production of realities and daily life. The article suggests based on the studies of Medina (2021) and Lavorato (2020), the creation of a talk table for the "listening" of beings, whose seats should be guaranteed, in the name of the maintenance of all forms of life in the Planet. It concludes by pointing out the human as a mediator and weaver of the network of production, provider and sponsor emphasizing the value of the knowledge of nature such as the protein threads produced by spiders, the social organization of ants and the fulora of mandacaru in hinterland indicating the arrival of rain in the sertão.

KEYWORDS: *Humanity; Nature; Crisis.*

1 Introdução

Os problemas relacionados à saúde e ao ambiente que a humanidade atravessa no momento são uma resultante da convergência de crises sociais, ambientais, políticas e econômicas, constatando-se, de um modo geral, um domínio dos determinantes políticos e econômicos sobre os demais. Entre as possíveis causas da crise, no que tange ao contexto das relações ambientais, pode ser apontada a ilusão equivocada de separação entre o ser humano e a natureza, sendo considerada como uma crise do pensamento e do próprio conhecimento, em função das desigualdades sociais, do consumismo exacerbado.

Entre os problemas e desafios da humanidade, que crescem de maneira exponencial, há a relação “sensível” entre o ser humano e a natureza. Sobre essa questão, Guimarães (1995) aponta que “[...] o ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmônica sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais”. (GUIMARÃES, 1995, p. 12).

A experiência humana relacionada à crise sanitária, que assola e ameaça a vida humana, repercute, de alguma forma, nas outras formas de vida no que se refere às mudanças de comportamento humano sobre a Terra.

Recorrentemente, questionamentos referentes ao percurso civilizatório apreendido são realizados, sendo a pandemia COVID-19 considerada por alguns, como, por exemplo, por Settele et al. (2020), apenas um sintoma dos principais problemas estruturais da humanidade. Nesse sentido, é necessário fomentar uma discussão sobre até que ponto o afastamento ilusório da humanidade da “sua” natureza redunde em um risco às diferentes formas de vida no planeta, diante de uma ocupação e apropriação baseada na exploração desmedida dos recursos naturais.

A ecocrítica é uma teoria que aborda a relação entre a literatura e o meio ambiente (GARRARD, 2006), que pode colaborar para o conhecimento sobre as relações estabelecidas entre o ser humano e o meio, suscitando uma ampliação da compreensão dos movimentos humanos junto à natureza.

Sem dúvida, a promoção de pensamentos e ações baseados em uma ecologia política para a vida é fundamental, mas se a política se estrutura a partir das mentes e das ações dos agentes sociais que a constituem, como “produzir” mentes e comportamentos que promovam uma ecologia política para a vida em todas as dimensões? Para que ocorram os processos de transformação de comportamento, é necessária uma transformação efetiva das relações que passam necessariamente pela produção de sentidos e significados pessoais e coletivos sobre a natureza.

2 Onde está o humano?

Para uma reapropriação social da natureza, apontada por Leff (2004) como uma ação premente de reconstrução da relação entre a sociedade e a natureza, torna-se imprescindível, antecipadamente, uma reapropriação do ser humano em relação a si mesmo e à natureza, requerendo a construção de novas formas de compreensão, conhecimento e criação, visando à disseminação, sobretudo, de novos modos de pensar sobre a manutenção da vida, antes e para além de cada ser. Neste lugar de produção de sentidos, no contexto das relações, outros aspectos humanos devem ser considerados, como as emoções e as espiritualidades, promotores e indutores de pensamentos e comportamentos, como elementos ativos da subjetividade e complexidade e, principalmente, como dispositivos criadores de contextos sociais, ambientais, econômicos e políticos coletivos.

Hodiernamente, verificam-se os reflexos da globalização naquilo que pode ser considerado como positivo e negativo, revelando em relação às questões ambientais, de forma clara e evidente, um sistema por vezes autofágico com resultados e impactos, e que, na esteira dos desafios e problemas, apresenta prognósticos preocupantes de enfiamentos no futuro. Entre as revelações sobre as distorções sociais e, conseqüentemente, políticas, favorecidas pelo acesso à mesma rede globalizada de informação e comunicação, figuram as desigualdades socioeconômicas das populações, para as quais os olhos do século XXI não podem se fechar, e,

concomitantemente, as consequências da pandemia, em especial, que ameaçam a sobrevivência e a vida humana, causadas pela COVID-19.

Sobre o impacto da globalização na natureza, Leff (2010) assevera que:

O processo de globalização avança, ressignificando e recodificando a natureza em termos de valores econômicos. A natureza já não entra no processo produtivo apenas fragmentada, coisificada e desnaturalizada de sua complexidade ecológica como recursos discretos, mas como uma natureza ecologizada, valorizada em termos de preços de mercado. A natureza – os processos ecológicos dos quais depende a sustentabilidade da vida e do planeta –, que não foi produzida em um processo produtivo, é reconvertida e tratada como mercadoria. (LEFF, 2010, p. 110-111).

No que tange às relações com a natureza, ocorreu, ao longo do tempo, uma exploração do ambiente natural, resultando em graves consequências ao planeta. Como um indicativo para o processo de transformação, o respeito a todas as formas de vida pode ser o primeiro passo à estruturação relacional, visto que, segundo Maschio (2005),

O ser humano, no transcurso de sua recente existência sobre a Terra, vem-se julgando superior às demais espécies e, graças a esse pensamento antropocêntrico, supõe governar sobre os demais seres vivos [...]. Em razão disso, o homem considera a si mesmo amo e senhor da vida, do bem-estar e da felicidade de todos os demais seres vivos do planeta. Mas será verdadeira essa superioridade do homem? Tem ela justificativa? Na busca de resposta a essa indagação, deve-se levar em conta que a humanidade efetivamente adquiriu maior habilidade do que os animais para transpor alguns dos obstáculos que a natureza impõe. Desenvolveu técnicas para dominar o fogo, minimizar o frio e o calor intensos; inventou a agricultura para contornar a escassez de alimentos; dominou, em certa escala, o mundo das águas, represando-a e canalizando-a. Mas será que toda essa engenhosidade e maior habilidade para transformar o meio ambiente - se é que podem ser considerados como fatores positivos - por si só, são suficientemente aptos a comprovar, sem nenhuma refutação, que o homem é um ente superior aos demais animais, e assim sendo, é ético, moral, justo e lícito sujeitar as demais espécies vivas como bem lhe aprouver? (MASCIO, 2005, p. 1).

O ambiente foi dominado e utilizado segundo os ditames, interesses e objetivos humanos, o que permite inferir que, por exemplo, se a humanidade tivesse orientado o seu processo de desenvolvimento do conhecimento por meio de uma apropriação interativa, baseado em lógicas de respeito às diferentes formas de vida, a escrita da história da relação humana com a natureza talvez tivesse sido outra.

Ao tratar sobre a produção do conhecimento humano em relação à natureza, baseada na relação entre as diferentes espécies, considerando a situação atual relacionada à pandemia, no final de 2019, os meios de comunicação mundiais disseminaram a notícia sobre a hipótese de que o novo coronavírus tenha sido originado a partir do morcego, ao contaminar um hospedeiro intermediário ou diretamente os seres humanos, após algum tipo de mutação. Considerado como contexto de origem de contaminação o mercado de Wuhan, na China, o fato é que a exploração da natureza com o manejo e a produção das atividades pecuárias como, por exemplo, criação de porcos, frangos e outros, assim como o comércio e o tráfico de animais silvestres, aliados à exploração e à destruição ambiental, podem ser indicativos do aparecimento e da disseminação de novas epidemias e pandemias.

Segundo Castro, Lopes e Brondizio (2020), as manifestações anteriores sobre a necessidade de processos de mudança no contexto mundial perante os problemas e questões globais não promoveram as transformações necessárias. Entretanto, a crise do coronavírus com a determinação do *lockdown* como um procedimento adotado durante a pandemia, com a interrupção de atividades sociais, comerciais e restrições de acesso da população, segundo Arora, Bhaukhandi e Mishra (2020), produziu uma redução do impacto humano sobre a natureza, ocorrendo uma melhoria da qualidade do ar e dos rios, a redução da poluição sonora e a indicação de uma maior tranquilidade da vida selvagem. Verifica-se, portanto, que, de alguma forma, a crise sanitária resultou positiva em se tratando de recursos naturais do planeta, o que poderá promover movimentos mundiais, com a implementação de estratégias para a redução dos impactos e danos ambientais sobre a Terra.

Um estudo comparativo sobre os alertas positivos e negativos relacionados ao meio ambiente durante a pandemia foi desenvolvido por Barroso et al. (2020) e publicado na *Revista Agrária Acadêmica*. O objetivo do trabalho foi realizar uma revisão sistemática comparativa sobre os impactos que a pandemia causou ao meio ambiente. Segundo os resultados apresentados pelos autores, ocorreram vários pontos positivos em relação à ação humana junto ao ambiente; entretanto, ocorreu também um aumento em relação ao uso indiscriminado de alguns materiais, como um ponto negativo.

Considerando o contexto atual, em que a humanidade ainda sofre os impactos diretos ou indiretos relacionados à pandemia, e a fim de qualificar o debate e as discussões referentes ao isolamento social, é apresentado, a seguir, o estudo citado de Barroso et al. (2020), com a

apresentação da Tab. 1, indicando os pontos positivos e negativos do isolamento social em relação ao ambiente.

Tabela 1: Informações dos artigos eleitos nesta revisão (BARROSO et al., 2020, p. 58-59).

Pontos Positivos	Pontos Negativos	Referência
–	Qualidade do ar negativa (temperatura e velocidade do vento)	XU et al., 2020
–	Aumento da produção e do consumo de máscaras faciais descartáveis	FADARE e OKOFFO, 2020
Diminuição de NO ₂	–	MUHAMMAD, LONG e SALMAN, 2020
Diminuição dos níveis de poluição e gases poluentes	Consumo de plásticos	PEREIRA, SILVA e SOLÉ, 2020
Diminuição de gases de efeito estufa	Consumo de plásticos (PPE) e lixo médico	SILVA et al., 2020a
Diminuição da poluição por aerossóis	–	ROMAN-GONZALEZ e VARGAS-CUENTAS, 2020
Diminuição da poluição do ar	–	JU, OH e CHOI, 2020
Diminuição da poluição hídrica e terrestre	–	MANDAL e PAL, 2020
Diminuição dos impactos no clima	–	GARDNER et al., 2019
Melhorias de sustentabilidade	–	VENTURA et al., 2020
Diminuição de poluentes	–	SILVA et al., 2020b
Diminuição da poluição	–	LUCENA, HOLANDA e BONFIM, 2020
	Aumento de doenças emergentes e problemas econômicos	SILVA et al., 2020c
Diminuição de gases	–	VIANNA, 2020
Diminuição de gases poluentes	–	SOUZA, 2020
Diminuição de impactos ambientais	–	CARMO et al., 2020
Diminuição de poluentes ambientais	–	MELO, MELO e GUEDES, 2020
Menor poluição dos recursos hídricos	–	VIEIRA, 2020
Diminuição de poluentes e impactos	–	MONZONI e CARVALHO, 2020

Fonte: Barroso et al. (2020).

Verifica-se, segundo os resultados do estudo, que, durante a pandemia, ocorreu a redução de algumas variáveis que produzem impactos danosos ao ambiente e, conseqüentemente, à vida no planeta, como, por exemplo, a redução dos níveis de poluição e de gases poluentes, a diminuição de gases de efeito estufa, a redução da poluição do ar, assim como uma diminuição da poluição hídrica e terrestre. Paralelamente, o estudo aponta para resultados, a partir da revisão realizada, referentes ao aumento do consumo de plásticos, do lixo hospitalar e dos problemas econômicos.

A Tab. 1 reúne estudos sobre temas extremamente relevantes à humanidade, corroborando o sentido de que é possível transformar os comportamentos, mas é necessário frisar que as mudanças de comportamento são conseqüências dos valores, das crenças e atitudes humanas. Nesse sentido, deve-se considerar que, em alguma medida, as mudanças observadas podem representar apenas uma resposta diante de uma determinação impositiva de isolamento social, sem significar uma conscientização ambiental real, estando, portanto, desprovida de reflexões sociais para que ocorram mudanças efetivas de comportamentos.

O processo de transformação envolve a produção de sentidos, relaciona-se aos valores e à disseminação de comportamentos ambientais de maneira individual e coletiva, considerando-se que a discussão é pertinente, visto que as mudanças comportamentais aconteceram, de um modo geral, em função das imposições relativas ao controle da pandemia no mundo. O momento atual é propício para reflexões e debates com a finalidade de se obter soluções aos problemas ambientais, principalmente pelos dados e estudos que são realizados, na contemporaneidade, em relação aos impactos do distanciamento humano da natureza durante a condição de isolamento social imposta sanitariamente.

Em relação à situação atual de isolamento social em tempos de confinamento, Latour (2020) indica como um momento propício para reflexões pessoais e coletivas. Nesse sentido, segundo Latour (2020),

Daí a importância fundamental de usar este tempo de confinamento imposto pela pandemia para descrevermos, primeiro cada um por si, depois em grupo, aquilo a que somos apegados, àquilo de que estamos dispostos a nos libertar, as cadeias que estamos prontos a reconstituir e aquelas que, por meio do nosso comportamento, estamos decididos a interromper (LATOURE, 2020, p. 1).

O sistema econômico entrou em crise, porque embora a dinâmica econômica opere em mercados e lógicas estruturadas pelo capital, as engrenagens e operações são “tocadas” por seres humanos, susceptíveis a contaminações e comprometimentos de saúde, refletindo também nas condições de vida e, conseqüentemente, em impactos econômicos. Sem dúvida, o isolamento social, com a redução das ações e dos comportamentos de exploração e contaminação ambiental no planeta, resultou em cenários positivos, entretanto é importante ressaltar que a pandemia é uma crise relacionada à saúde que deverá ser resolvida a partir dos avanços e pesquisas, principalmente no que tange à produção de vacinas no mundo. O fato é que provavelmente após a COVID-19 ser debelada no mundo, e a ameaça de contaminação deixar de ser um risco à vida humana, ocorrerá um retorno da humanidade aos comportamentos anteriores à pandemia. Nesta mesma esteira de transposição, de saída do isolamento, há o risco de uma retomada social mais agressiva ambientalmente, principalmente em relação à poluição do ar e à degradação do solo, ao se considerar que o isolamento acabou gerando expectativas sociais que foram e estão represadas durante o período de pandemia. Nesse sentido, a ocupação dos espaços ambientais, como áreas verdes e litorâneas, poderá ser impactada ainda mais, em função das restrições sociais anteriores.

Como propulsora para debates e ações, a crise, no presente momento, revela cenários dicotômicos quanto a uma nova orientação sobre a tomada de decisão em relação à diáspora civilizatória pela sobrevivência humana, durante o processo de transposição e superação da crise humanitária e de saúde. Discorrendo de forma a realizar uma explanação sobre o assunto, há um movimento, não recente, de orientação ao ser humano de aproximação com a natureza, assim como, neste momento, verifica-se o surgimento de outro movimento, que sugere um afastamento em especial dos animais silvestres. De toda forma, seja estando perto ou longe, a questão é que, ao suscitar uma definição ou tomada de decisão quanto ao movimento humano em relação à natureza, isso, por si só, já pode ser considerado como um indicativo de que o processo anteriormente adotado sobre o equívoco de afastamento do homem da natureza trouxe, como consequência, cenários de dúvida e insegurança.

É necessária a implementação de estudos e pesquisas, agora urgentes, sobre as formas de contaminação e os processos, sintomas e conseqüências da COVID-19 tanto em humanos como também em animais. Um estudo realizado por Moratelli e Calisher (2015) com morcegos zoonóticos, ou seja, portadores de doenças cujos vírus se replicam no animal hospedeiro-reservatório e que geralmente são transmitidos aos seres humanos, concluiu não haver

evidências científicas disponíveis acerca desse tipo de associação. Atualmente, novas pesquisas são desenvolvidas em todo o mundo com o objetivo de adquirir conhecimento sobre a COVID-19, visando ao controle e à eliminação da doença nas populações diante da falta de um conhecimento mais consistente e amplo sobre o ambiente natural. Recorrentes buscas e investimentos diferenciados por evidências científicas têm ocorrido, a fim de orientar novas formas de conhecer, compreender e orientar a relação humana com a natureza.

Os desafios são crescentes e se avolumam a cada dia, sendo urgente uma mudança de sentido, ou seja, da natureza para o humano ao produzir uma concepção de humanidade incorporada e integrada à natureza. Caminha-se, considerando-se a necessidade urgente de uma mudança de comportamento, para a criação de novos valores, atitudes e comportamentos ambientais, em que haja uma relação horizontal e apartada da ideia de dominação humana sobre o ambiente natural. Pereira et al. (2020) afirmam que “[...] se a humanidade deseja atingir seu objetivo de um futuro mais sustentável e próspero, enraizado em uma natureza próspera, é fundamental abrir um espaço para perspectivas mais plurais das relações homem-natureza [...]” (2020, p. 2).

As decisões advindas, neste cenário ainda nebuloso em relação ao futuro, traçam linhas paralelas entre a necessidade de preservação da vida e as restrições ao comércio e serviços considerados como não essenciais à população, causando inevitavelmente uma desaceleração econômica. Concomitantemente, observa-se um aumento dos índices relacionados aos problemas emocionais causados pelo isolamento social, o que agrava ainda mais o cenário da crise sanitária.

As realidades são produzidas e transformadas pelos agentes sociais que as idealizam e as sustentam e, diante disso, afetar e transformar o humano são estratégias fundamentais à construção de novas lógicas de vida no mundo. Este, sem dúvida, é o maior desafio, visto que os “formatos” humanos são produtos sociais, culturais, políticos e econômicos diferenciados, mas é nesse lugar que a humanidade pode convergir e se encontrar, construindo uma vida por meio de vários coletivos, como espécie e entre as espécies, no mundo.

Medina (2021), em relação aos movimentos e à produção de conhecimento sobre a natureza humana, afirma:

Conhecemos cultura, política, tecnologia e economia, mas não sabemos onde estamos juntos em nossa intercessão natural. Um lugar onde, estando lado a lado, é possível reconhecer-se como comum e afetado ambigualmente

pelos códigos que convergem, se expandem e, concomitantemente, nos limitam como seres humanos. (MEDINA, 2021, p. 4).

A partir de um cenário ambiental que indicava a possibilidade de “morte” da vida no planeta, surge um vírus que, de alguma forma, retém a dinâmica de destruição, ao impor de forma coercitiva o isolamento humano e crescentes ameaças, conseguindo, na medida do possível, reestruturar cenários naturais, obrigando a humanidade a convergir, em uma diáspora coletiva pela vida, para um lugar comum, a sobrevivência.

Considerações

Lavorato (2020) trata sobre a responsabilidade social urgente pelo futuro do planeta, segundo a qual cada um é responsável por suas ações e comportamentos, ressaltando também uma atenção especial ante o consumismo. A autora, em seu trabalho, aponta para a necessidade de uma conscientização ambiental social e uma ampliação da percepção humana sobre o valor do ambiente natural.

Neste artigo, foi mencionado anteriormente que o comportamento humano está relacionado aos valores, às crenças e às atitudes; portanto, a gênese de uma consciência sobre as responsabilidades ambientais só será efetiva e ativa a partir da produção de valores ambientais individuais e coletivos. Diante da indicação de escassez de alguns elementos disponibilizados até então pela natureza, não há como a humanidade manter-se indiferente aos agravos ambientais, sociais e econômicos como, por exemplo, perante a situação de fome e a má distribuição de alimentos no planeta. A responsabilidade ambiental poderá acontecer se for baseada na produção coletiva de valores ambientais e sociais que fomentem movimentos de respeito e atenção com as diferentes formas de vida no planeta.

Diante do que foi apresentado e discutido, o caminho possivelmente mais promissor, pelo que parece, é o caminho da relação que poderá se efetivar por meio de um cenário configurado por uma mesa circular, na qual os seres são convidados a “conversarem”, compartilhando experiências e saberes legitimados pelo direito à vida. Como mediador, o humano tecerá a rede de produção, sustentação e manutenção das formas de vida, considerando os fios de proteína produzidos pelas aranhas, a organização social das formigas e a flor do mandacaru na seca indicando que a chuva chegará ao sertão.

Provavelmente, este momento seja crucial para um salto de transposição do coronavírus e de possíveis outros vírus no futuro para um novo paradigma de relação, um paradigma que considere as relações para a vida, a fim de que o humano não continue a arriscar-se a ocupar um “lugar nenhum” entre as espécies da natureza e as formas de vida na Terra.

Como consideração final, uma pergunta, que pode ser considerada como uma questão geradora ou indutora para reflexão e para além dos modos de produção de alimentos, tecnologias, bens e serviços, pode ser feita: Que tipo de produção a humanidade necessita para a manutenção, a preservação e a proteção do bem maior de todas as espécies, em seu direito de existência, que é a vida?

Referências

ARORA, S.; BHAIKHANDI, K. D.; MISHRA, P. K. Coronavirus lockdown helped the environment to bounce back. *Science of the Total Environment*, [s. l.], n. 742, p. 140573, 2020.

BARROSO, R. de F. et al. Um estudo comparativo de alertas positivos e negativos do meio ambiente em tempos de pandemia. *Revista Agrária Acadêmica*, [s. l.], v. 3, n. 6, nov./dez. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347735958_Um_estudo_comparativo_de_alertas_positivos_e_negativos_do_meio_ambiente_em_tempos_de_pandemia. Acesso em: 22 jun. 2021.

CASTRO, F. de; LOPES, G. R.; BRONDIZIO, E. S. The Brazilian Amazon in times of COVID-19: from crisis to transformation? *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v. 23, 2020.

GARRARD, G. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora da UnB, 2006.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papyrus, 1995.

LATOUR, B. Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia. Tradução de Débora Danowski. *Clima Info*, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

LAVORATO, M. L. de A. A importância da consciência ambiental para o Brasil e para o mundo. *Ambiente Brasil*, 2020. Disponível em: https://ambientes.ambientebrasil.com.br/gestao/artigos/a_importancia_da_consciencia_ambiental_para_o_brasil_e_para_o_mundo.html. Acesso em: 22 jun. 2021.

LEFF, E. *Racionalidad ambiental. La reapropiación social de la naturaleza*. México: Siglo XXI Editores, 2004.

LEFF, E. A água como bem comum ou bem privado. In: LEFF, E. *Discursos sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 109-118.

MASCHIO, J. J. Os animais, direitos deles e ética para com eles. *Jus Navigandi*, ago. 2005. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/7142/os-animais>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MEDINA, A. M. C. Relational paradigm of life new meanings and values for life when viruses threaten. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 21, n. 44, p. 1-10, jan./mar. 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/viewFile/862/pdf_164. Acesso em: 28 jul. 2021.

MORATELLI, R.; CALISHER, C. H. Bats and zoonotic viruses: Can we confidently link bats with emerging deadly viruses? *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 110, n. 1, p. 1-22, 2015.

PEREIRA, L. M. et al. Developing multiscale and integrative nature-people scenarios using the Nature Futures Framework. *People and Nature*, London, v. 2, n. 4, p. 1172-1195, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pan3.10146>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SETTELE, J. et al. COVID-19 stimulus measures must save lives, protect livelihoods, and safeguard nature to reduce the risk of future pandemics. *Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES)*, Bonn, Germany, 2020. Disponível em: <https://ipbes.net/covid19stimulus>. Acesso em: 10 mar. 2021.